



“SOCIALISMO.
EXPERIÊNCIAS.
PROBLEMAS.
PERSPECTIVAS”

L. I. Abálkine

Sistema Económico do Socialismo



EDIÇÕES
PROGRESSO
MOSCOVO



***“SOCIALISMO.
EXPERIÊNCIAS.
PROBLEMAS.
PERSPECTIVAS”***

Leonid Abálkine, doutor em Economia, professor universitário, é um dos maiores especialistas soviéticos na esfera da economia política do socialismo. É autor das monografias *Economia Política e Política Económica* (1970), *Leis Económicas do Socialismo* (1971), *Mecanismo Económico da Sociedade Socialista Desenvolvida* (1973), *Resultados Finais da Economia Nacional* (essência, índices, vias da sua elevação, 1978), etc. O dr. Abálkine é vice-redactor-chefe da *Enciclopédia Económica. Economia Política*. É o membro do conselho de redacção da revista *Economia e Organização da Produção Industrial*.

L. I. Abálkine

Sistema Económico do Socialismo



EDIÇÕES
PROGRESSO
MOSCOVO
1983

Tradução de K. Asryants

Л. И. Абалкин
ЭКОНОМИЧЕСКАЯ СИСТЕМА СОЦИАЛИЗМА
На португальском языке

© Edições Progresso, 1983

Impresso na URSS

A $\frac{10701-202}{014(01)-83}$ 201-83

0603010200

PREFÁCIO

O socialismo como teoria, como movimento social e sistema sócio-económico, é uma das maiores conquistas da Humanidade. Crescem permanentemente a sua influência internacional, o seu prestígio e a sua força de atracção. O socialismo tem partidários e adeptos activos em todos os países do mundo. Tem também adversários, pessoas que querem fazer retroceder ou pelo menos travar o avanço inexorável do progresso histórico. No entanto, constituem a maioria as pessoas que desejam compreender o socialismo, analisar o seu conteúdo e as suas diversas manifestações e determinar a sua atitude para com ele.

Desperta especial interesse o socialismo real como sistema sócio-económico e político, estabelecido num grande grupo de países que ocupam mais de um quarto do território de Terra. Quase um terço da Humanidade vive nos países socialistas; estes proporcionam mais de 40 % da produção industrial do mundo inclusive 59 % do carvão, 34 % do aço, 51 % dos tecidos de algodão e 44 % dos tecidos de lã. Aos países socialistas cabem 37 % da produção mundial de cereais, 64 % da produção mundial de batata e 35 % do algodão.

A maior experiência no campo da edificação do socialismo foi acumulada pela União Soviética que, durante muito tempo, foi e continua a ser hoje um modelo de transformações sócio-económicas, um pioneiro da reorganização da vida de milhões de pessoas em conformidade com os novos princípios do socialismo. Durante os mais de sessenta anos que se passaram desde a vitória da Revolução de Outubro de 1917, a União Soviética avançou do estado de atraso e ruína, em que se encontrava, para o auge do progresso económico, social e técnico-científico. Hoje em dia, o socialismo alcançou na URSS a fase de desenvolvimento maduro. As suas conquistas foram consagradas pela Constituição adoptada em 7 de Novembro de 1977.

É impossível compreender o socialismo sem estudar a experiência da União Soviética. Por isso, qualquer pessoa que se interesse realmente pela *teoria e pela prática do socialismo* deve analisar cuidadosamente o seu sistema económico e político, a sua história, cultura e o modo de vida do povo soviético.

O fundamento do socialismo e a sua base material é a economia. É esta, afinal, a principal esfera de toda a vida social e o alicerce do progresso social e espiritual. A economia do socialismo ou o seu sistema económico é um organismo complexo e multifacetado. É mesmo impossível enumerar os seus aspectos mais importantes. Neste caso é necessária uma análise complexa, consecutiva e bem orientada. No entanto, gostaríamos de sublinhar bem desde o início desta análise que o estudo do sistema económico do socialismo é a chave que permite compreender a sua natureza e as suas forças motrizes, a sua estrutura e as leis do seu desenvolvimento.

O sistema económico do socialismo tem as suas particularidades em cada país socialista. Essas particularidades são condicionadas pela via histórica percorrida pelo respectivo país, as tradições da sua população, a peculiaridade da situação geográfica e por muitos outros factores. Mas apesar de toda a variedade de formas concretas de organização da vida económica (assim como da vida social, política e espiritual), a natureza do sistema económico do socialismo é, em princípio, único e comum. E isto é perfeitamente natural. Os traços e as leis comuns do socialismo formam a sua característica genérica, enquanto as particularidades nacionais, a sua distinção específica.

Esta obra é uma exposição do sistema económico do socialismo e, em primeiro lugar, dos seus traços gerais. Nela se presta a maior atenção à análise da experiência histórica e da prática do socialismo na URSS, consagradas na nova Constituição. O livro é destinado a um amplo público que deseja sinceramente compreender a essência do sistema económico do socialismo.

O autor deseja que o leitor domine este tema pouco conhecido, e muito especialmente o deste livro, e espera sinceramente que ele consiga ler a obra até ao fim.

Moscovo, Março de 1981

FUNDAMENTO DO SISTEMA ECONÓMICO

O sistema económico do socialismo tem uma estrutura e um conteúdo complexos e multifacetados e as formas de sua manifestação também são diversas. Para compreender melhor todos os processos e fenómenos da vida da sociedade socialista, é preciso esclarecer inicialmente a sua essência interna e a sua base.

A aspiração de penetrar nos mistérios íntimos da vida, revelar as suas molas internas e compreender a essência das coisas sempre foi inerente ao pensamento humano. Já Fausto, personagem do famoso drama de Goethe, que encarna o espírito perspicaz, procurava compreender «os vínculos internos do Universo» e conceber «a essência de tudo o que existe». No entanto, a essência ou a base está escondida profundamente, sob o invólucro da aparência externa e a sua descoberta requer grandes esforços. As chaminés fumegantes das empresas industriais, as intermináveis linhas de produção, as vitrinas das lojas e as tabuletas dos bancos — tudo isso são apenas formas externas que ocultam a base profunda da vida económica: a propriedade.

Não se trata da propriedade simples, mas da propriedade sobre os meios de produção, isto é,

sobre máquinas e equipamento, terra e caminhos-de-ferro, petróleo e carvão. Uma pessoa que possui um fato bonito, um chapéu na moda, o último modelo de gravador ou um automóvel pode despertar a inveja dos outros. No entanto, a propriedade sobre estes e outros objectos semelhantes (artigos de consumo) não cria o poder de um homem sobre outro, nem predetermina a igualdade ou desigualdade entre eles. Isto é predeterminado pelo carácter de propriedade sobre os meios de produção.

É precisamente o carácter da propriedade sobre os meios de produção que estabelece para que e com que objectivo se desenvolve a produção num dado sistema social. É precisamente ela que forma a estrutura social da sociedade, os interesses de diversas camadas e grupos sociais e o carácter das suas relações. É precisamente ela, a propriedade sobre os meios de produção, que revela as molas internas e as forças motrizes que põem as pessoas em movimento e as fazem, afinal, empreender diversas acções.

Devemos iniciar a análise do sistema económico do socialismo pelo esclarecimento da sua base, isto é, a propriedade socialista sobre os meios de produção.

1. Sancta-sanctorum

Vamos esclarecer em primeiro lugar o que é a propriedade. O pensamento humano esforçou-se durante milhares de anos para desvendar este enigma, embora aparentemente não haja nisso nada de difícil. A propriedade são máquinas, ferramentas, empresas industriais, minas, bancos, navios, automóveis, gado, habitações, alimentos

e roupas. E, finalmente, o dinheiro. Mas por maior que fosse esta lista, não nos aproximaria da resposta. Que é a propriedade, afinal? Os objectos? Mas os objectos não sofrem nenhuma mudança quando passam de um proprietário a outro. Portanto, o problema não consiste no objecto. Talvez a propriedade seja a atitude do homem para com o objecto? Porém, a minha atitude para com o alimento consiste em que eu o como, e a minha atitude para com uma ferramenta, em que a utilizo. Isto também não pode ser qualificado como propriedade.

A propriedade são relações que se formam por motivo da apropriação de diversos objectos. As coisas propriamente ditas não são a propriedade, mas apenas a sua base material, são o objecto por causa do qual se formam as respectivas relações entre as pessoas.

Diz uma lenda que há muito tempo, na aurora da existência da Humanidade, um homem cercou um terreno e disse: «É meu». A partir daí teria surgido a propriedade. Não discutamos se foi realmente assim ou não. O que nos importa é outra coisa. Tendo declarado que o terreno era seu, o homem manifestou a sua atitude para com as outras pessoas, atitude motivada pela apropriação daquele terreno. Portanto, a propriedade não é o objecto como tal, mas as relações que se formam entre as pessoas por causa dos objectos. Estas relações são consagradas nas normas do direito, tornam-se lei. Então já se fala do direito de propriedade.

A propriedade como fenómeno social sempre existiu e existirá. Todas as propostas de eliminar e liquidar a propriedade são irreais e fantásticas. Quando certas pessoas acusavam os comunistas de quererem eliminar a propriedade, eles

respondiam: «Não queremos eliminar a propriedade, mas apenas a sua forma burguesa, que permite que umas pessoas vivam à custa da exploração das outras».

A história do desenvolvimento da sociedade humana comprova que uma forma ou tipo de propriedade foi substituído por outro, mas a propriedade, como tal, existiu sempre. É de notar que o processo de substituição de uma forma de propriedade por outra não foi absolutamente fácil nem pacífico. A propriedade sobre os meios de produção, incluindo a terra, foi objecto de luta intransigente e fonte de guerras e usurpações coloniais. Nenhuma classe jamais cedeu sem luta o seu direito de possuir a terra, as fábricas e os instrumentos de trabalho. O marxismo-leninismo denomina classes os grandes grupos de pessoas que diferem umas das outras quanto ao lugar que ocupam no sistema de produção social, quanto à sua atitude para com os meios de produção e ao seu papel na organização social do trabalho. Em conformidade com isso, as classes diferem umas das outras quanto ao modo de obtenção e ao volume da parcela de riqueza social de que dispõem. Os escravos e os senhores de escravos, os servos e os senhores feudais, os proletários e os burgueses são as classes fundamentais das formações antagónicas. Nas condições do socialismo, que admite duas formas de propriedade sobre os meios de produção, existem duas classes trabalhadoras amigas: o operariado e o campesinato kolkhoziano.

A nossa tarefa não inclui a análise da história da luta em torno da propriedade sobre os meios de produção. Esta história é complexa, está cheia de acontecimentos dramáticos e é

muito edificante. Mas é já um tema autónomo à parte. Neste caso importa apenas sublinhar que a propriedade sobre os meios de produção constitui em qualquer sociedade o fundamento do seu sistema económico, é o *sancta-sanctorum* dessa sociedade. Existe a expressão: quem paga, manda. No quadro do nosso tema, este ditado pode ser interpretado da seguinte maneira. O proprietário dos meios de produção é o verdadeiro dono da vida, é a sua vontade que determina, afinal, toda a estrutura da vida social, e atribui a uma sociedade, historicamente determinada, os seus traços políticos, sociais e espirituais.

A propriedade sobre os meios de produção determina, em primeiro lugar, o conteúdo do sistema económico da sociedade, caracteriza as relações que se formam entre o proprietário e o produtor imediato e condiciona a existência ou a ausência da exploração do homem pelo homem. O carácter da propriedade predetermina o domínio das leis espontâneas da concorrência ou a necessidade da regulação planificada da produção social, as possibilidades e os limites de regulação dos processos económicos e o carácter da distribuição dos bens materiais e espirituais. Por outras palavras, o tipo e a forma da propriedade sobre os meios de produção determinam de forma decisiva toda a variedade da vida económica da sociedade.

A conclusão que daí se deduz é muito simples. Para compreender o sistema económico de uma sociedade, é preciso analisar a sua base, ou seja o carácter da propriedade dominante sobre os meios de produção. Quando esta base é conhecida, tudo se torna claro e fica no seu devido lugar. E, pelo contrário, quem ignora esta base, sai do terreno firme, do fundamento que permite

analisar todo o quadro multicolor e multifacetado do regime económico.

Mais uma nota preliminar. Frequentemente, fazem-se grandes esforços para camuflar ou ocultar esta verdadeira base de toda a vida económica e social. Deixemos de lado os motivos que levam a isso. Basta sublinhar que, sem a análise da propriedade sobre os meios de produção, o estudioso do sistema económico fica condenado a vaguear nas trevas e perde o fio de Ariadne que poderia retirá-lo do labirinto de passos falsos e de contradições. É muito característico que os ideólogos e os defensores da propriedade privada procurem por todos os meios camuflar o seu papel determinante. Ao mesmo tempo, os partidários da propriedade social sobre os meios de produção reconhecem honesta e abertamente que a propriedade privada desempenha o papel de força dominante do desenvolvimento social.

Em todos os países socialistas, a propriedade social sobre os meios de produção é considerada a base do seu sistema económico. A Constituição da União Soviética, aprovada em 7 de Outubro de 1977, dedica um artigo especial a esta questão. Vamos citá-lo na íntegra:

«Artigo 10. O sistema económico da URSS assenta na propriedade socialista dos meios de produção, sob a forma de propriedade estadual (de todo o povo) e de propriedade kolkhoziana e cooperativa.

São também propriedade socialista os bens dos sindicatos e das outras organizações sociais, necessários à prossecução dos seus objectivos estatutários.

O Estado protege a propriedade socialista e cria as condições necessárias ao seu crescimento.

Ninguém tem o direito de utilizar a propriedade socialista para dela extrair benefícios pessoais ou para outros fins meramente pessoais».

Antes de analisar mais pormenorizadamente a propriedade socialista, convém precisar uma coisa muito importante. Sublinhámos bem desde o início que não se trata da propriedade em geral, mas da propriedade sobre os meios de produção. Existe ainda outra propriedade? Sim, existe também a propriedade dos mais diversos objectos de consumo, ou seja alimentos, roupas, móveis, artigos domésticos, livros, artigos destinados a fins culturais (instrumentos musicais, aparelhos de televisão, gravadores, etc.), a propriedade de casas residenciais, automóveis e outros objectos. Todos estes variados objectos de consumo são, sob o socialismo, propriedade pessoal dos cidadãos e encontram-se no seu usufruto pessoal. (Naturalmente, desde o momento em que os cidadãos adquirem estes objectos de consumo). As tentativas de fazer crer que sob o socialismo tudo seria socializado, incluindo os objectos de uso pessoal, e que as pessoas por pouco não seriam condenadas a dormir... sob um único cobertor são uma invencionice maligna e uma calúnia contra o socialismo.

Sob o socialismo, a propriedade pessoal é um derivativo da propriedade social. Nisso se revela mais uma vez o principal papel da propriedade social. A questão de propriedade pessoal será analisada mais tarde, no fim do presente capítulo.

2. Como surgiu e o que é a propriedade socialista

A propriedade socialista sobre os meios de produção é a manifestação concentrada ou a en-

carneação material da energia laboral de várias gerações de operários, camponeses e intelectuais. É a propriedade baseada no trabalho e que pertence aos trabalhadores. Esta tese tem uma importância de princípio para compreender a natureza, o carácter e a origem da propriedade social sobre os meios de produção. Por isso, convém analisá-la pormenorizada-mente.

A encarnação material da propriedade social sobre os meios de produção são os fundos fixos da economia nacional: máquinas-ferramentas e outras máquinas, equipamento de diversos tipos, prédios das empresas industriais, caminhos-de-ferro, navios, terras, máquinas agrícolas, gado, etc. Durante os 62 anos de existência do Poder Soviético (isto é, de 1917 a 1979) os fundos fixos aumentaram 39 vezes. Logo, todos os fundos fixos, que eram nas vésperas da revolução propriedade privada dos capitalistas e latifundiários, constituem hoje em dia menos de 3% no quadro da propriedade socialista. Este é um valor muito insignificante. A parte esmagadora dos meios de produção são o resultado do trabalho livre da exploração.

E o que sucedeu com os 3% que pertenciam anteriormente à família imperial e aos industriais russos (ou estrangeiros)? Com que direito foram retirados da propriedade privada? Uma lenda afirma que a propriedade capitalista privada seria fruto da economia, laboriosidade e moderação dos antepassados longínquos da burguesia de hoje. Não vale a pena desmentir esta lenda, embora a história real da acumulação inicial esteja bem longe deste quadro idílico. A propriedade privada de determinada pessoa ou de uma família pode ter as mais diversas